

A TECNOLOGIA ASSISTIVA E A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA PODE UM ALUNO AUTISTA SE COMUNICAR?

Autora - Ana Karla Ferreira de Santana Rosa Gomes

Orientadora- Profa. Dra Gécica Fabiely Fonseca

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

E-mail: aksrg14818@gmail.com

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever os recursos e estratégias de comunicação utilizadas por uma professora da SRM (Sala de Recurso Multifuncional) com um aluno autista. Para tanto, foram realizadas algumas observações entre a professora/mediadora e o seu aluno com autismo, não verbal. Como aporte teórico deste trabalho, apresenta-se a psicologia histórico-cultural, bem como referenciais da área de comunicação alternativa. Os resultados demonstraram que a mediação da professora se caracterizou pelo uso da Tecnologia Assistiva e da Comunicação Alternativa para desenvolvimento da comunicação/ linguagem do aluno autista. Contudo, o professor/ mediador deverá escolher o melhor recurso e a estratégia para possibilitar ao aluno uma comunicação efetiva, promovendo o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Autismo, Linguagem, Comunicação.

INTRODUÇÃO

No contexto da educação inclusiva, um dos maiores desafios vem sendo a inclusão dos alunos com Transtorno do Espectro Autista. Por algum tempo, eles foram designados como deficientes intelectuais, hoje, sabe-se que o autismo faz parte dos transtornos globais de desenvolvimento, e, com isso, foi legalmente assegurado o seu direito ao atendimento educacional. Constitui-se um desafio trabalhar com esses alunos, pelo despreparo, em termos da infraestrutura escolar, pela falta de preparação do corpo docente para lidar com esses alunos, já que o comportamento e as peculiaridades deles causam insegurança e exige uma reorganização dos sistemas educativos.

Assim, as características de crianças com TEA são extremamente variadas, não seguem um padrão, por isso, podem apresentar mais comprometimento ora na linguagem/comunicação e ora na socialização ou vice-versa.

Diante disso, abordaremos algumas observações, com um aluno autista em uma instituição de ensino, para verificar que é possível desenvolver a comunicação/ linguagem, a partir da mediação da professora, utilizando-se da tecnologia assistiva.

Com isso, Vygostky também contribui destacando o papel da linguagem como sistema mediador na comunicação interpessoal. Além, de ressaltar o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), em que uma criança com deficiência pode demonstrar suas potencialidades.

Pela precariedade da formação docente e da comunidade escolar fica evidenciada a dificuldade em saber lidar com esses educandos, se constituindo um dos grandes desafios. De modo específico, a literatura revela que os professores ao trabalharem com os alunos com TEA, têm os seus sentimentos aflorados, desencadeando pensamentos de frustração, e impotência por não saberem o que fazer, nem como ensinar aos alunos com TEA.

Dessa maneira outra dificuldade pertinente, consiste na forma de como os conteúdos escolares são ensinados, pois é importante para se efetivar o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, é possível entender, porque algumas pesquisas demonstram que os alunos com TEA não conseguem aprender os conteúdos pedagógicos das escolas.

Dentro da relevância desses aspectos, este estudo teve como objetivo descrever os recursos e estratégias de comunicação utilizadas por uma professora da SRM (Sala de Recurso Multifuncional) com um aluno autista.

Assentado isso, neste trabalho será apresentado, a caracterização do Autismo, o conceito de linguagem/comunicação na abordagem Vygotskyana, e a importância da TA e da CA na comunicação com aluno autista. Sendo o enfoque principal o desenvolvimento da comunicação/ linguagem do aluno autista com a mediação da professora na sala de recursos multifuncionais.

2 CARACTERIZAÇÃO DO AUTISMO

Na quarta versão do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- IV), ainda se usava o termo Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) para se referir a síndrome caracterizada pelos prejuízos nas habilidades sociais, comunicação e comportamentos atípicos. Enquadrava-se cinco classes diagnósticas nos TGDs eram: transtorno autista, transtorno de Rett, Síndrome de Asperger, Transtorno desintegrador da infância e Autismo atípico.

Com o acompanhamento das evidências científicas e os novos consensos sociais, surgiram mudanças para classificação diagnóstica do autismo. Sendo assim, a quinta versão do Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais, (DSM-V) de 2013 propôs uma nova nomenclatura substituindo o termo TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento) por TEA (Transtorno do Espectro do Autismo), sendo o TEA considerado como um único transtorno que pode apresentar graus variados de habilidades e comprometimentos, ultrapassando os limites das categorias do TGDs. Com isso, os domínios passaram a ser dois: déficits sociais e de comunicação, e comportamentos repetitivos. Visando facilitar o diagnóstico e situar numa linha contínua traços ou características distribuídos em níveis de severidade para auxiliar a provisão dos apoios necessários para o desenvolvimento (APA, 2013).

Assim, por ser a área mais acentuadamente afetada nos alunos autistas, a linguagem e a comunicação, serão ressaltadas no próximo tópico.

3 LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA VYGOSTKYANA

Segundo as ideias de Vygotsky, o homem, ao interagir com o meio em que vive se constitui como ser humano. A cultura, o espaço em que ele vive, regras determinadas pela sociedade, faz com que o mesmo, na interação, consiga chegar ao seu desenvolvimento psicológico, o ajudando, assim, a criar suas próprias concepções sobre diversos contextos, pois na socialização, o indivíduo está construindo sua aprendizagem perante as experiências.

O processo de interação se inicia quando ainda bebê, pois assim que nascemos já somos envolvidos em uma cultura, e com o passar dos anos vamos nos encontrando e nos tornamos um ser participativo e incluso nesta sociedade, embora sabendo que, a inclusão não acontece de forma contínua e/ou imediata. Para Vygotsky, a interação e a comunicação com os outros acontece de forma primordial através da linguagem.

Ainda sobre isso, Vygotsky (1993) destaca o papel da linguagem como signo mediador na transmissão e comunicação entre as pessoas. A fala, desde a infância, tem a função primordial de intercâmbio social e, à medida que a criança se desenvolve, os processos de fala se tornam mais complexos, adquirindo a função de controle e planejamento do pensamento. O referido autor acrescenta que o “desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento, e pela

experiência sociocultural da criança” (VYGOTSKY, 1993, p. 44).

Vygotsky chama esse processo de mediação simbólica, quando usamos os signos e instrumentos para podermos nos relacionar e nos comunicar. Desse modo, os signos são chamados de instrumentos psicológicos que auxiliam o desempenho das atividades psicológicas, o que difere do papel dos instrumentos de trabalho. Essas informações são anexadas ao nosso processo de desenvolvimento psicológico, de fora para dentro, ou seja, o meio faz com que o indivíduo assimile esses movimentos a partir de suas experiências.

É nesse momento que podemos inserir o papel de um educador, ou mesmo de qualquer outra pessoa como mediador entre uma criança e o mundo. A criança constrói seus pensamentos através de suas experiências, porém para que isso possa acontecer, o estudante com TEA precisa ser instigado. Pois, ao observar o que acontece a sua volta ela está construindo suas ideias, ela aprende e acumula essas ideias e, assim, reproduz em seguida para que possa interagir com os outros. Segundo Vygotsky, a língua se encaixa com o pensamento, a criança aprende de forma externa, assimila e pensa o que aprendeu, de modo que, desenvolve e reformula tal pensamento.

No que diz respeito à comunicação de alguns autistas, Mendes (2012) ressalta que a fala pode demorar a aparecer, e, quando ocorre, a linguagem verbal pode ser repetitiva, ou seja, ecolalia e sem intenção comunicativa. Verifica-se, também, dificuldade ou ausência de linguagem gestual e na compreensão das expressões.

Diante disso, devem-se buscar alternativas para reduzir os déficits de aprendizagem característica presente em alguns alunos com autismo. Vygotsky dá uma significativa contribuição ao esclarecer sobre o conceito da (ZDP) Zona de Desenvolvimento Proximal.

A ZDP é uma área onde a criança ainda não tem um nível de desenvolvimento potencial a ser formado, e mais uma vez, é na interação que ela pode conhecer e concretizar novas informações. Na perspectiva de Vygotsky, os professores, assim como os colegas mais experientes, podem ser mediadores de novos conhecimentos para esta criança. Existe também o nível de desenvolvimento real, que é o conhecimento que a criança já atribui, porém na ZDP, o desenvolvimento está acontecendo constantemente.

O papel do professor consiste em fazer a mediação para que aconteça essa

interação entre seus alunos em sala de aula, possibilitando a produção de conhecimento, bem como as trocas de experiências, com isso impedindo a discriminação e o preconceito.

Quando o professor estimula a ZDP dos seus alunos de forma espontânea, existe uma percepção mais generalizada do conhecimento, ajudando, assim, as crianças nos seus processos mentais e no seu desenvolvimento psicológico.

Segundo Nunes (2011), muitos professores que atuam nas escolas demonstram medo e não aceitam a inclusão que está acontecendo em todo o sistema educacional, além de não compreenderem como essas crianças pensam e aprendem. Desta maneira, podemos enfatizar que uma importante atitude que deve ser tomada pelo professor, é a de não ter medo de encarar as dificuldades existentes. Quando encontrar um aluno autista (que aparentemente se recusa a interagir e a aprender qualquer coisa proposta por ele), esse profissional da educação deve fazer intervenções necessárias, e fornecer ao aluno estratégias importantes para o processo de aprendizagem. Sabendo que a linguagem e a comunicação se constituem no maior obstáculo para que as crianças/alunos com TEA possam se comunicar e interagir na vida cotidiana, dificultando assim a inclusão escolar desses alunos, devido à resistência ao diálogo, à indiferença aos estímulos sensoriais e, enfim, à defasagem da comunicação.

Em virtude disso, a Comunicação Alternativa (CA), se apresenta como uma possibilidade para a valorização de todas as formas expressivas do sujeito na construção de recursos de Tecnologia Assistiva (TA), para construir e ampliar a via de expressão e compreensão desse sujeito, facilitando assim a sua comunicação. (BERSCH e SCHIRMER, 2005).

4 A TECNOLOGIA ASSISTIVA: RECURSOS QUE POSSIBILITAM A COMUNICAÇÃO DOS ALUNOS AUTISTAS

A Tecnologia Assistiva- TA é ainda um termo que se refere a um arsenal de recursos e serviços que contribuem para promover a pessoa com deficiência a uma vida com maior independência e inclusão.

Para Bersch (2013), o objetivo maior da TA é proporcionar à pessoa com deficiência, maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação da sua comunicação, mobilidade, controle do seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e

trabalho.

Sendo assim, a TA surge como uma possibilidade para as pessoas com deficiências e/ou autismo, e necessidades específicas fazendo com que, elas possam participar de forma efetiva da vida social e escolar. Como também, proporcionar autonomia e cidadania.

Ainda, no contexto escolar, o professor deverá ter acesso aos conhecimentos produzidos na área da educação especial, bem como, conhecer e incorporar saberes sobre as novas tecnologias e comunicação em sala de aula, e assim, poder utilizá-los, de acordo com as especificidades de cada aluno.

Segundo Bersch (2007), a Tecnologia Assistiva engloba diferentes categorias de acordo com os objetivos funcionais. Assim, temos as seguintes categorias: comunicação aumentativa e alternativa, recursos de acessibilidade ao computador, sistemas de controle de ambiente, projetos arquitetônicos para acessibilidade, órteses e próteses, recursos para cegos ou pessoas com baixa visão, auxílios para pessoas surdas, recursos de adequação postural e auxílios para a vida diária e vida prática.

Dentre as inúmeras possibilidades de Tecnologias Assistivas, destacaremos, aqui, a categoria da comunicação ampliada e alternativa.

4.1 A COMUNICAÇÃO AMPLIADA E ALTERNATIVA

Algumas pessoas que não podem falar ou escrever, de forma momentânea ou permanente, recorrem à comunicação alternativa (CAA) para compensar, de maneira temporária ou permanente, as dificuldades na comunicação, tanto na expressão quanto na recepção oral e escrita. Essas dificuldades podem ocorrer em consequência, de diversas deficiências, dentre elas, o autismo, paralisia cerebral, surdez, entre outras.

Considera-se, então, comunicação alternativa, porque o indivíduo não possuía linguagem oral, sendo necessário recorrer a outros meios de comunicação, que substituem a forma oral.

Segundo Nunes e Nunes (2007,p. 30),

O grande mérito da Comunicação Alternativa é o e dar vez e a voz aos indivíduos não oralizados para fazer escolhas e expressar suas necessidades, sentimentos e pensamentos de forma mais transparente. Sua utilização representa uma esperança de que seus interlocutores possam se conscientizar do complexo mundo interno dessas pessoas e assim favorecer sua inserção social e o pleno gozo de seus direitos como cidadãos.

Para Bersch (2013), os recursos utilizados na comunicação alternativa são as pranchas de comunicação, construídas com simbologia gráfica (BLISS, PCS outros), letras ou palavras escritas. A alta tecnologia dos vocalizadores (pranchas com produção de voz) ou o computador com softwares específicos e pranchas dinâmicas em computadores tipo tablets, garantem grande eficiência à função comunicativa.

Assim, existem vários recursos na comunicação alternativa que podem ser utilizados com o aluno autista. Entretanto, o professor/ mediador deverá escolher o melhor recurso e a estratégia para possibilitar ao aluno uma comunicação efetiva e, desse modo, promover o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

5 METODOLOGIA

A pesquisa apresentada pode ser classificada como qualitativa e exploratória. Conforme Godoy (1995, p.58) explicita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, assim, procuramos embasar, também, este trabalho: considerando o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave, a pesquisa possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto. O instrumento da coleta se restringe às observações.

5.1 CENÁRIO DA PESQUISA

As observações foram realizadas na escola x, situada na capital do Rio Grande do Norte, em Natal. A instituição abrange uma área de mais de 2000m², de fácil acesso. Sendo essas observações realizadas na SRM (Sala de Recursos Multifuncionais).

5.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram a professora Z da SRM, e, o aluno autista, de sete anos de idade, não alfabetizado, que não se adaptou, ainda, a sala regular.

Tendo a professora Z da SRM, formação em pedagogia e especialização em Educação Especial.

6 RESULTADOS

O aluno autista tem sete anos, e nunca foi à escola antes, visto que seu pai tinha medo das professoras o agredirem. O pai é responsável por deixar e levar o aluno a instituição, e também cuida dele, pois a mãe trabalha os dois expedientes. Esse aluno, ainda não possui o laudo médico, todavia o seu comportamento se enquadra no TGD- autismo. Com isso, foram observadas algumas características dele. Ele não é oralizado, possui habilidades motoras de tato fino, consegue manipular alguns objetos sem dificuldade. Quanto à interação social, tudo é muito novo, pelo fato de nunca ter frequentado uma escola e, passar o tempo limitado a assistir TV o dia inteiro. No período do recreio a professora avaliou o comportamento dele percebendo que ele se isolou e não interagiu com as outras crianças.

A partir das observações do ambiente, realizadas na SRM, percebemos que ela é ampla, bem iluminada, organizada e bem arejada, possui ar condicionado e banheiro acessível, o que traz uma perspectiva de trabalho promissora ao aluno. Ainda, possui armários, computadores e os demais recursos enviados pelo MEC.

Na primeira observação, o aluno estava bem agitado e a professora não conseguiu desenvolver nenhuma atividade com ele. Assim, os jogos, os brinquedos e o computador foram descartados por ele.

Na segunda observação, a professora realizou uma atividade com uso do computador, o que não lhe despertou tanto interesse. Depois utilizou o recurso de comunicação alternativa, as placas de sim e não, e as expressões faciais. Ainda, usou os instrumentos musicais (cantigas de roda) que lhe chamou muita atenção. Outro momento significativo foi a realização da leitura de um livro feito pela professora. Enquanto ela andava fazendo a leitura, ele sentou para ouvir, em seguida ela pôde sentar e contar a história. Segundo ela, não é possível definir quais as reais competências/ aptidões de João Lucas. Ele

não para de se movimentar e não entende o que são regras e limites.

Na última observação, a professora Z fez algumas tentativas de interação com o aluno autista, uma delas foi à brincadeira de roda, estimulando-o a dar-lhe as mãos e a continuar a brincadeira, e o aluno foi recíproco á atitude da professora. Em outro momento, a professora lhe ofereceu instrumentos musicais, ele passou quase uma hora tocando e segurando os instrumentos. Através da expressão de sorrisos, percebemos o interesse dele pelos instrumentos. Em um momento seguinte, demonstrou interesse em ajudar a professora a colocar as letras de um jogo dentro de uma caixa, fazendo-nos perceber sua interação com a professora. Já ao se dirigir ao computador, ele apenas liga e fica batendo nas teclas.

Ressaltamos que, nessa aula, houve os momentos de interação com a professora, em que se pôde considerar um avanço, no que diz respeito à construção de vínculo, sendo importante nesse processo.

Um dos aspectos mais relevantes no ambiente escolar é a comunicação, visto que é de fundamental importância para as interações e dinâmicas acontecerem na escola. Assim, quando uma criança/ aluno apresenta dificuldades acentuadas, o professor deve buscar estratégias que superem ou minimizem essas dificuldades.

O relato da professora demonstra preocupação em se comunicar com o aluno autista e utiliza algumas formas de comunicação alternativa.

Bosa (2002) expõe sobre a importância de se observar como os autistas comunicam seus desejos e necessidades, mesmo que de forma não convencional, isto é, projetando outras ferramentas para serem compreendidos pelas pessoas com as quais convivem. Nesse sentido, é importante que o professor construa caminhos que propiciem ao aluno autista a elaboração de significados.

Como já foi dito, o papel da linguagem é importantíssimo para que haja comunicação entre os seres em uma sociedade, é na interação que podemos perceber o quanto ela se faz presente na formação de um individuo quanto a um ser envolvido dentro de seu próprio meio. Para Vygotsky, ao falar, o ser humano está classificando algo que aprendeu, ou seja, ao nomear algo, está acontecendo a classificação de tal objeto, tal lugar, porque sua convivência com ele permitiu que isso acontecer.

De acordo com Manzini e Deliberato (2006), comunicação não se limita somente

à modalidade verbal, à fala, às palavras, mas também a gestos e expressões faciais, contribuindo para o processo de interação.

No decorrer das observações, constatam-se, ainda, muitas dificuldades. No entanto, a professora Z da SRM elaborou um projeto de intervenção. No primeiro momento a professora da SRM estabeleceu um cantinho com uma rotina sequenciada. Em seguida, utilizou a tecnologia assistiva de baixo custo, com a finalidade de dar o primeiro passo na tentativa do aluno se comunicar com as pessoas através da comunicação alternativa (CA). Então, pelo relato do pai, a criança passa boa parte do tempo em frente à TV. Daí surgiu a ideia de se fazer uma prancha de comunicação simples, em formato de televisão, com apenas dois pictogramas “sim e não”, visto que o trabalho é inicial e o aluno ainda vai aprender a se comunicar por esse meio, assim, pensou-se que nesse momento, dois pictogramas são suficientes.

É por meio da atividade mediada que o sujeito ativo vai construindo seu conhecimento, superando a preocupação de Vygotsky (1987 apud ORRU, 2009, p.94) de que “uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra”, seu componente indispensável”. Nesse sentido, enfatiza-se que as estratégias utilizadas pela professora favorecem a compreensão/ comunicação do aluno com autismo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urge o momento em que se exige o conhecimento e a incorporação da TA/ CA na prática do profissional docente, sobretudo, aquele que trabalha com alunos autistas. É oportuno dizer, também, que não existe uma receita para o professor utilizar, já que as características do autismo são bastante diversificadas, sendo necessário conhecer o aluno e as suas dificuldades e potencialidades e, assim atendê-lo melhor.

Apesar disso, foi apresentado como perspectiva e possibilidade promissora, a Tecnologia Assistiva/CAA que pode favorecer a comunicação das pessoas sem fala ou com defasagem na comunicação.

A pesquisa, ainda, revelou que a professora Z da SRM acredita na potencialidade do aluno autista e que a mediação favorece a comunicação, sendo indispensável no processo de

ensino e aprendizagem e na interação social.

Ademais, segue um questionamento: o próximo ano o aluno frequentará a sala do ensino regular, a professora dará prosseguimento ao trabalho que vem sendo realizado com CA, ou irá ignorar o aluno? Portanto, a professora da classe regular e da sala SRM deverão se articular para que os recursos e estratégias da TA continuem e desse modo possibilite a comunicação.

Sabendo que TA/CA é mais que uma prancha de símbolos ou sistema computadorizados, é a utilização da linguagem e de instrumentos para propiciar a comunicação.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: DSM-5. Associação Americana de Psiquiatria. DSM-V- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, 2015.

BERSCH, R.; SCHIMER, C.; Tecnologia assistiva no processo educacional. In: BRASIL. **Ensaio pedagógico: construindo escolas inclusivas**. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

BERSCH, R. C. R. Tecnologia Assistiva. In: SCHIRMER, C. R.; BROWNING, N.;BERSCH, R. C. R.; MACHADO, R. **Atendimento Educacional especializado**. Brasília: MEC/ SEESP, 2007.

BERSCH, RITA. **Tecnologia assistiva, Tecnologia e Educação**. Porto Alegre, 2013.

BOSA, C. A. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, C. R.; BOSA, C. (Org.). **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 58, abril 1995.

GONÇALVES, N. C. **O olhar da psicologia da saúde sobre o impacto do transtorno autista no núcleo familiar**. 2010. 14f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2010.

MANZINI, E. J.; DELIBERATO, D. Fundamentos introdutórios em comunicaçõesuplementar e/ou alternativa. In: GENARO, K. F.; LAMÔNICA, D. A. C.; BEVILACQUA, M. C. (Org.). **O processo de comunicação: contribuição para a formação de professores na inclusão de indivíduos com necessidades educacionais especiais**. São José dos Campos: Pulso, 2006.

MENDES, A. A. **Um Novo Olhar sobre o Autismo: a educação de autistas e a teoria da modificabilidade cognitiva.** Disponível em <http://xa.yimg.com/kq/groups/17494449/113696342/name/A+EDUCA%C3%87%C3%83O+DE+AUTISTAS+E+A+TEORIA+DA+MODIFICABILIDADE>. Acesso em 23 de mai. 2012.

NUNES, L.R.O.P.; NUNES, D.R.P. Um Breve Histórico da Pesquisa em Comunicação Alternativa na UERJ. In: NUNES, L.R.; PELOSI, M.B.; GOMES, M.R.(org.) **Um Retrato da Comunicação Alternativa no Brasil.** Rio de Janeiro: 4Pontos, 2007.

ORRU, S.E. **Autismo, Linguagem e Educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

RIVIÈRE, ÂNGEL. **O Autismo e os Transtornos Globais do Desenvolvimento** . In: Desenvolvimento Psicológico e Educação, Cesar Coll, Álvaro Marchesi, Jesus Palacios; trad. Fátima Murad. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.